

Cada vez que inicio um editorial, vejo-me em um desafio. E também sinto-me entusiasmado em contar a você, leitor e leitora, o que produzimos nos últimos meses, o que recebemos de interessantes trabalhos, experiências, contribuições teóricas tão importantes para a atualização e novos aprendizados em nossas práticas. A edição de dezembro não é diferente, ainda que seja especial por fecharmos um ano e avaliarmos o caminho traçado. Este ano, a *Nova Perspectiva Sistêmica* conquistou novos espaços, novos desafios. Estamos contentes de ter proporcionado edições com temas muito pertinentes e atuais e termos nos aproximado mais do âmbito acadêmico e de revistas científicas indexadas, sem perder nossos valiosos textos de teor prático, relatos de experiência e reflexões diversas, acompanhados sempre do adequado rigor.

Iniciamos esta edição com dois artigos sobre terapia de casais. Primeiramente, o artigo de *Peter Rober*, terapeuta belga, que traz o texto *O “não” do cliente: o desafio de criar espaço dialógico para ambos os parceiros na terapia conjugal*. Este autor nos desafia a pensar sobre a produção de diálogos na terapia conjugal e familiar. Para isso, ele questiona a eficiência de intenções igualitárias do terapeuta na produção de diálogos e alude a conceitos de Mikhail Bahktin para avançar no tema. Apresenta um estudo de caso, no qual faz uma microanálise dos primeiros minutos de uma sessão de terapia de casal.

O segundo texto é de Maria Elena Rise de Camargo Vianna, intitulado *A construção de uma relação de casal: uma relação de casal em construção*. Esse texto começa com a seguinte pergunta “*É possível uma relação de casal estável em um mundo em mudança?*”. Para respondê-la, a autora parte de suas próprias reflexões como terapeuta e pessoa e entrevista casais que mantêm relações longevas. As reflexões vão desde a compreensão de como o casamento é visto na sociedade através dos tempos até questões relacionadas ao cuidado com as crenças e certezas do terapeuta de casal sobre o tema.

Na sequência, apresentamos o artigo *Conceito de família contemporânea: uma revisão bibliográfica dos anos 2006-2010*, de autoria de Raiane Straiotto Piato, Rozilda das Neves Alves e Sheila Regina de Camargo Martins. Trata-se de uma pesquisa em formato de revisão bibliográfica sobre os anos 2006 a 2010, que tem como objetivo caracterizar as estruturas familiares contemporâneas. Surgem categorias como: família nuclear, monoparental, extensa, patriarcal, plural, com pais homossexuais, adotivas e aquelas que optam por não ter filhos.

O texto *Terapia narrativa e abordagem colaborativa: contribuições do construcionismo social para a clínica pós-moderna*, de Rafaella Medeiros de Mattos Brito e Idilva Maria Pires Germano, discute a influência do construcionismo social nas terapias narrativas e colaborativas, explorando as transformações no campo da psicoterapia contemporaneamente.

Ainda no âmbito de reflexões teóricas, temos o artigo *Vigotsky e a pós-modernidade: aproximações e pontos similares da perspectiva de Lev Vigotsky no pensamento pós-moderno e seu patamar terapêutico*, de Daniela Wladislawoski. Neste texto, a autora procura mostrar possíveis aproximações entre a teoria de Vigotsky e as propostas de terapia pós-modernas (terapias narrativas e colaborativas), explorando os conceitos de consciência, linguagem, pensamento, palavra e zona de desenvolvimento proximal, estudados pelo autor russo. Dialoga com os conceitos de linguagem, construção da identidade e vida relacional das abordagens modernas, assim como ideias sobre conversação, diálogo interno e expressões de não dito das abordagens das terapias colaborativas, entre outros aspectos das terapias narrativas. Reflexões muito pertinentes para pensarmos nossas práticas.

Passamos, em seguida, para algumas experiências diretas da prática clínica. O artigo *Personagens internos*, de autoria de Telma Pereira Lenzi, traz reflexões teóricas de sua prática clínica sobre o self dialógico, a partir do construcionismo social e das práticas colaborativas e narrativas. Um self que se expressa em práticas discursivas entre conversas internas e externas.

Por último, ainda no âmbito das práticas narrativas, apresentamos o texto *Práticas narrativas na condução da terapia de uma família em situação*

de pobreza, de Rejane Silva e Marisol Seidl. Trata-se de um estudo de caso sobre uma família que vive em situação de pobreza, no qual as terapeutas usam a metodologia Árvore da Vida, das terapias narrativas, e visita domiciliar. O incremento do protagonismo familiar e novas possibilidades de crescimento foram alcançados.

Apresentando as seções desta edição, início com o *Conversando com a mídia*. Trazemos duas resenhas de filmes preciosos para pensarmos questões em nossas práticas. O primeiro é o filme *Hannah Arendt*, que foi resenhado por Geraldo Silva. O autor nos convida a pensar sobre responsabilidades, burocracias e realidades e verdades socialmente construídas. O conceito “banalidade do mal” estudado por Hannah Arendt é explorado no filme e nos traz ressonâncias em nossas práticas, juntamente com os conceitos de singularidades e significados. É difícil assistir este filme sem sentir-se tocado e sem refletir sobre nosso trabalho como terapeutas, diante de nossos desafios contemporâneos, tornando a autora muito atual para pensarmos nossa sociedade. A segunda resenha, elaborada por Leonora Corsini, nos traz o filme *As sessões*. Segundo a autora, trata-se de um filme sensível e divertido, com um tema delicado e complexo, relacionado à intimidade e sexualidades. Versa sobre uma terapeuta corporal que trabalha com um paciente com paralisia. Um filme que, para a autora, poderia ser um melodrama piegas ou uma comédia com clichês, mas acaba por se tornar um grande convite para mergulhar sobre o tema da construção do corpo.

A seção *Ecos* foi escrita por Ceneide Maria de Oliveira Cervený, que nos faz visitar o artigo de Ivânia Jann Luna e Carmen L. O. Moré, que disserta sobre o luto na contemporaneidade e os

aportes do construcionismo social. Ceneide Cerveny reflete sobre como este tema acaba por ser evitado em nossas práticas, comentando sobre as dificuldades de se escutar sobre a dor. Traz-nos um convite a reler este texto, que evidencia preciosas contribuições para nossas práticas terapêuticas.

Na seção *Família e comunidade em foco*, nossa co-editora Helena Maffei Cruz nos brinda com uma entrevista realizada com a psicóloga Roselle Fernandes, professora universitária em Minas Gerais. Ela traz o tema do trabalho com pessoas que sofreram transtornos graves no desenvolvimento. A psicóloga nos relata o que se passou quando levou alunos a conhecer a experiência de famílias que vivem esta situação. Uma importante e inspiradora referência desta entrevista é o livro *Marcela...uma lição de vida*, escrito por uma mãe que conta sua experiência de ter uma filha com necessidades especiais.

Por fim, na seção *Estante de livros*, Gladis Brun nos provoca a curiosidade com a leitura de dois livros infantis intitulados *Onde está meu papai?: a his-*

tória de Alice e Minhas mães e eu: a história de Regina e Vanessa. Preciosas obras que nos possibilitam refletir sobre temas complexos como as novas configurações familiares contemporâneas, explorando de maneira singela a curiosidade infantil e a atenção a contextos. Livros que podem ser disparadores de boas conversas reflexivas em nossas práticas clínicas, com delicadeza e sensibilidade.

Assim, fechamos o ano de edição da revista *Nova Perspectiva Sistêmica* entusiasmados com os novos desafios que o próximo ano nos sinaliza, mas certos de que tivemos um ano de crescimento no qual conseguimos trazer a vocês, leitores e leitoras, temas contemporâneos e relevantes, ampliando a produção específica em nossa área e campo profissional. Esperamos continuar contando com sua colaboração com novos textos, leituras, críticas e divulgação, para seguirmos superando novos desafios.

Adriano Beiras
Editor Coordenador
Revista Nova Perspectiva Sistêmica